
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.5. Jan./Abr./ 2019 p. 235-255

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Linguagens e produções de sentidos como saberes culturais e práticas educativas

**Folhas volantes: o cordel encantado como saber cultural e prática educativa no
Nordeste na Amazônia Paraense**

*Flyleaf: The enchanted Cordel as KnowledgeL culture and educative practice in the
northeast in the Amazon Paraense*

José Guilherme de Oliveira Castro

Elaine Ferreira de Oliveira

Universidade da Amazônia – UNAMA

Hiran de Moura Possas

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA

Belém-Pará-Brasil

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a influência da literatura popular do Nordeste brasileiro, nas produções dos folhetos de cordel, na Amazônia paraense, mais precisamente, no município de Paragominas. No decorrer do estudo, será mostrada a origem do gênero, vindo das “folhas volantes” que circulavam nas terras portuguesas, a penetração no território brasileiro e a migração para as cidades nortistas. Também se pretende elencar as causas da chegada desses cantares à cidade de Paragominas, e ainda analisar as adaptações da forma poética do Nordeste aos temas locais. Serão apresentados alguns trovadores – homens e mulheres, destacando as características de suas obras. Neste ponto, serão enfatizados os gêneros e as espécies literárias cultivados por esses artistas, os recursos estilísticos, como também a adaptação da herança nordestina aos temas da Amazônia.

Palavras-chave: Literatura popular. Cordel. Recurso estilístico.

Abstract

This article aims to analyze the influence of the popular literature of the Brazilian Northeast, in the productions of the leaflets of Cordel, in the Amazon Paraense, more precisely, in the municipality of Paragominas. During the study, it will be shown the origin of the genus, coming from the "flywheels" that circulated in the Portuguese lands, the penetration in the Brazilian territory and the migration to the northeastern cities. It is also intended to elicit the causes of the arrival of these song in the city of Paragominas, and also to analyze the adaptations of the poetic form of the northeast to local themes. Some troupters will be presented – men and women, highlighting the characteristics of their works. At this point, the genres and literary species cultivated by these artists will be emphasized, the stylistic resources, as well as the adaptation of the northeastern heritage to the themes of the Amazon.

Keywords: Popular literature. String. Stylistic appeal.

1. Primeiras palavras

O homem, desde o início da história, dentro do seu grupo social, entra em contato com uma série de costumes, de hábitos, de comportamentos e de tabus existentes na comunidade, que foram recebidos como herança de gerações anteriores e recriados em alguns casos, pelos seus contemporâneos. Esses traços desenham a fisionomia das sociedades em que se proliferam e, conseqüentemente, se diversificam conforme a região em que se manifestam, considerando as variáveis histórico-sociais que agem sobre a comunidade. Neste conjunto de características, resume-se a cultura de um povo.

A cultura é, portanto, tudo aquilo que o homem cria, no seu grupo social e também o que recebe como herança das comunidades do passado que, por sua vez, pode ser mantido com os caracteres de origem ou reatualizado, de acordo com a psicologia das sociedades do presente.

Segundo Luyten (1992), pode-se pensar que o povo e a elite constituem dois organismos estanques. No entanto, isso não acontece, pois, através da comunicação direta ou indireta, um fica sabendo o que o outro faz. Por isso mesmo, quando se fala em cultura, deve-se conceber o conceito de criação do HOMEM como ser histórico.

Entre as manifestações culturais surgidas, dentro da sociedade, aparece a “literatura popular”, também chamada de “poesia popular” e, atualmente de “folhetos”. Neste caso, faz-se necessário esclarecer que o termo cordel designa a parte impressa desse tipo de criação popular, geralmente vendida nas feiras, penduradas em barbantes.

Neste aspecto, torna-se diferente da criação oral cantada pelos violeiros, trovadores ou cantadores, que podem apresentar traços de lirismo ou de sátira, como acontece nos desafios.

Luyten (1992) diz que a literatura popular tem a sua origem na Europa, quando aconteciam as peregrinações religiosas para libertar os lugares santos. Houve, então, uma concentração de pessoas no sul da França, visto que, por sua posição geográfica, essa região facilitava o caminho para chegar à Palestina. O outro ponto de concentração de peregrinos era a Lombardia, que favorecia o acesso às terras romanas, e o terceiro, a Galícia, o único território da Península Ibérica não tomado pelos sarracenos, justamente

onde ficava o santuário de Santiago. Portanto, esses três lugares aparecem como berços de origem da literatura popular, onde os poetas nômades se reuniam, cantavam poemas de aventura, bem como levavam notícias de um lugar para o outro. Tal fato remete à figura do jogral, personagem comum na Europa da Idade Média.

Entre as manifestações da literatura popular, surgiram, em Portugal, as “folhas volantes”, também chamadas de “folhas soltas”, folhetos que eram vendidos nas feiras, muitas vezes também declamados por jograis, quando apresentavam SUS números de mágicos, de acrobacias e também relatavam fatos de outros lugares, como verdadeiros jornais ambulantes. Os poemas recitados por esses artistas eram marcados pelo maravilhoso que enfeitava os grandes feitos realizados pelos heróis históricos, como Carlos Magno. Por tal motivo, vinham ao encontro da imaginação do povo que passava a divinizar essas personagens. Por isso mesmo, serviram de tema para grandes poemas épicos, surgidos na Idade Média e no Renascimento.

Sabe-se, também, que, além dos fatos históricos e heróicos declamados pelos jograis, nessas representações, também se recitavam produções literárias de grandes escritores portugueses, como o poeta e teatrólogo Gil Vicente.

Zumthor (1997) destaca a importância dos jograis, quando praticavam o exercício da declamação, na origem da linguagem poética românica, na versificação ou na difusão desse tipo de criação literária que, mais tarde, dará origem às grandes literaturas nacionais, como é o caso da literatura de Portugal.

Por outro lado, Zumthor (1997) também chama atenção para o estatuto do trovador como falante, esclarecendo que a voz do poeta tem o poder de persuadir, de chamar a atenção do ouvinte, a ponto de ressoar nela um ensinamento, uma ordem, como se fosse um padre ou um mestre. Neste ponto, o teórico se aproxima das ideias de Sartre (1970), em alguns pontos da teoria da literatura compromisso, principalmente quando o filósofo francês defende que o escritor utiliza a palavra-ação, para interrogar, para persuadir, para defender, para denunciar.

Considerando as ideias de Zumthor e de Sartre, como também retomando as origens da literatura de cordel na Europa, como fenômeno cultural, depreende-se que essa poesia chegou ao Brasil através de migrações estrangeiras. Também se observa, nas produções populares da atualidade, que tanto o poeta que produz canções, romances e

folhetos impressos, como o cantador repentista que se acompanha ao violão, enquanto verseja, colocam sentimentos nas palavras usadas e também recriam a linguagem popular. As metáforas produzidas por esses artistas são cândidas leves, mas carregadas de conotações. Além disso, nota-se que o poeta popular dos tempos modernos também sabe persuadir o ouvinte e convencê-lo a aceitar suas ideias, expressas naquele momento de magia da recitação.

Portanto, pode-se considerar esse tipo de poesia como criação literária, com forte influência da cultura popular, que se originou na Idade Média, mas atravessou o tempo e o espaço. Chegou ao Brasil e se fixou na região nordestina, onde encontrou terreno fértil para desabrochar. Sofreu adaptações, mas conservou traços originais como o lirismo, a sátira e o desejo de convencer o ouvinte.

Esse tipo de criação artística e popular migrou do Nordeste para a Amazônia e se desenvolveu em várias cidades, havendo a adaptação da forma desenvolvida pelos poetas nordestinos aos temas da sociedade nortista. Aqui, na Amazônia, um dos lugares em que mais esses folhetos se desenvolveram foi a cidade de Paragominas, o que originou a pesquisa “Ecos nordestinos nos cantares populares da Amazônia paraense – município de Paragominas”, desenvolvida por um grupo de pesquisadores da Universidade da Amazônia.

2. A literatura popular na Amazônia

Os estudos sobre o folclore e sobre a cultura popular no Brasil se iniciam, na segunda metade do século XIX, sob os auspícios da construção de uma identidade nacional. No Pará, segundo o pesquisador Vicente Salles (1985), José Veríssimo foi o primeiro estudioso a se ocupar da análise da poesia popular, tarefa considerada por muitos como indigna de um espírito sério, pois preferiam considerar como arte, a literatura erudita.

No entanto, um grupo de escritores contemporâneos de José Veríssimo, liderados por Antônio Pádua Carvalho (1860 – 1889) e Luís Demétrio Juvenal Tavares (1850 – 1907), divulgou, pela imprensa paraense da época, as pesquisas feitas sobre a poesia popular amazônica, trazendo à luz, uma produção ignorada pelo próprio José Veríssimo.

Além dessas pesquisas, surge, nas letras nortistas, um grupo de escritores que cultivava uma literatura voltada para os temas folclóricos e populares, chamados de “escritores sertanejos” ou membros da “escola sertaneja”. Tal fato levou o escritor J. Eustachio de Azevedo (1943), autor da primeira história da literatura paraense, a falar que “cedo os poetas e romancistas do Norte abandonaram os velhos amores, enamorados de uma nova escola – a sertaneja”. As palavras do escritor se justificam em virtude dos poetas indianistas do Pará terem se tornado sertanejos, como foi o caso de Vilhena Alves, de Severiano Bezerra de Albuquerque e de Juvenal Tavares, considerado o chefe desse movimento literário.

Em muitas composições dos poetas sertanejos, depreende-se a influência de uma poesia popular, com traços estilísticos semelhantes aos dos versos produzidos pelos trovadores do Nordeste, como se pode detectar nas declarações de Juvenal Tavares:

Nasci nesta zona ardente
Tive o meu berço inocente
Nas margens do Tocantins;
Os favônios me embalam,
As aves me acalentaram,
Nos seus eternos festins.
Eu criei-me nas florestas,
Lá onde paixões funestas
Não medram no coração.

Nesta mesma linha de produção poética, surge o escritor Severiano Bezerra de Albuquerque, cujos versos apresentam aproximações com os romances e com as canções dos trovadores da cidade de Paragominas, quando contam um caso repleto de elementos líricos.

Portanto, ao que tudo indica, na poesia popular do Pará, no século XIX, já havia a influência da literatura popular do Nordeste, Tal fato é confirmado por Pompílio Jucá (apud Salles, 1985, p. 18-9) que fez referência à migração de nordestinos para as terras paraenses, o que tornou possível a abundante circulação, no Extremo Norte, da poesia sertaneja e dos folhetos da literatura de cordel.

Outro dado vem justificar as palavras de Pompílio Jucá, pois Salles (1985:270) registra que, na primeira fase da poesia popular do Pará, os poetas eram cearenses, como o grande repentista Luiz Dantas Quezado, que se dedicava a compor versos de improviso contra políticos e pessoas da sociedade.

Além disso, tem-se notícia de que, pela região do Tocantins, vivia um cidadão chamado João Mendes, tido como uma pessoa alegre e espirituosa, tocador de viola e que também compunha versos de improviso. Esse poeta, ao que tudo indica, já era filho da região.

Outro grande poeta repentista foi um cidadão conhecido somente como Ricardo, que publicou um livro de trovas. Segundo Paulino de Brito, citado por Salles (1985:35), Ricardo gozou de larga popularidade em Belém e teve o condão de fazer as pessoas rirem de maneira inofensiva, como nos versos “Os vôos do tambaqui”:

O tambaqui é peixe bom,
Comida de delícias boas;
Para comer leva-se à boca
Que pelas goelas abaixo voa.

Ricardo foi para Manaus, onde exerceu cargos públicos. Depois de se aposentar, voltou para Belém e foi trabalhar no jornal “Diário de Gram-Pará”, na seção intitulada “Serrilhada”, onde, com seus versos, colocava na “rua da amargura”, os indivíduos que lhe indicavam. Todos os anos, era uma figura esperada nas festas da quadra nazarena, mais precisamente, no Teatro Pavilhão de Flora.

Outros poetas que tiveram seus tempos de glória, no campo das trovas, no Pará, foram Marcos Lima e Jacinto Arantes que alcançaram sucesso nos teatros do arraial de Nazaré. Esses escritores se juntaram a Bertino Miranda, violonista e cantor, fundador da Sociedade do Descanso, pois alugava cadeiras aos devotos, durante a festa de Nossa Senhora de Nazaré, a fim de assistirem sentados ao movimento do “Largo”, como era conhecida a atual Praça Santuário.

Tem-se ainda notícias de poetas caboclos, na região do Gurupi e em Curuçá. Também Juvenal Tavares e Inácio Moura encontraram trovadores, no vale do Tocantins, como Pompílio Jucá descobriu poetas. Na região das ilhas.

3. O município de Paragominas

O período da história econômica do Brasil, entre os anos de 1956-61, teve como diferencial a euforia do governo Juscelino Kubitschek, quando se imprimiu uma dinâmica mais moderna à administração, no que se refere aos impulsos dados à construção de

estradas, às indústrias, à energia e aos transportes. Um marco desse desenvolvimento é a construção da estrada Belém-Brasília, estabelecendo a ligação entre as diferentes regiões do país.

Assim. Em função da construção da Belém-Brasília, em 1959, alguns homens que ficaram conhecidos com os desbravadores da floresta, tiveram a ideia de fundar a vila de Paragominas. Entre esses fundadores da então vila, estavam Célio Rezende de Miranda, Eliel Ferreira Faustino e Manoel Alves Lima.

Apesar das iniciativas e das lutas para a criação da cidade de Paragominas terem começado em 1959, somente em 23 de janeiro de 1961, foi lançada a pedra fundamental do município, quando foi celebrada uma missa solene pelo Bispo de Bragança – D. Eliseu Caroli. Estava, então, fundada a vila de Paragominas.

No entanto, a emancipação política do município só aconteceu com a Lei 3235, de 05 de janeiro de 1965, assinada pelo Governador Jarbas Gonçalves Passarinho.

Os fundadores pensaram em dar à cidade, um nome significativo:

PARÁ – Estado em que a cidade foi fundada.

GO – Goiás – em homenagem aos componentes da caravana de desbravadores que lutou pela fundação do município, considerados os primeiros colonizadores.

MINAS – Minas Gerais – em homenagem ao grande idealizador da fundação da cidade. Célio Rezende de Miranda, que era mineiro. Também se homenageiam os requerentes de 200 globos de terras, investidores que, em sua maioria, eram mineiros.

Para a construção da cidade, vieram muitos operários nordestinos, principalmente baianos. Vieram trabalhar nas fazendas, na construção de estradas e na exploração de minérios, como: bauxita, níquel e chumbo.

Atualmente, a criação de gado é um dos maiores recursos econômicos da cidade. Mas, o município também possui o seu desenvolvimento cultural, pois todos os anos, acontece a Feira Cultural. A cidade tem rádio e canal de televisão.

Sobre a ocupação do município, Paragominas conta, hoje, segundo dados do IBGE, com uma população de 120 mil habitantes. Diante de tanto crescimento e do espaço territorial extenso, a cidade deu origem a dois novos municípios: D. Eliseu e Ulianópolis.

4. Penetração da poesia popular em Paragominas

A poesia popular, originada das “folhas volantes” ou “folhas soltas” de Portugal, chegou ao Brasil com as migrações de estrangeiros para trabalharem nas lavouras. Tal fato se acentuou na segunda metade do século XIX, principalmente pela região sul. Esse tipo de criação literária adquiriu novos traços característicos. Acredita-se que os versos teriam penetrado, de início, no chamado “caminho dos bandeirantes” – São Paulo, via vale do Tietê, até as regiões de Goiás Velho e Cuiabá. Também se introduziram no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde a grande manifestação vem através das produções poéticas dos CTGs – Centros de Tradições Gaúchas.

Porém, as “folhas volantes” de Portugal encontraram solo fértil no Nordeste brasileiro, proliferando no Ceará, em Pernambuco, na Bahia e na Paraíba. Nestes estados, houve e há uma grande produção de folhetos, mas também de cantorias orais.

No Pará, acredita-se que a poesia popular tenha se antecipado, pois, na primeira metade do século XIX, já havia literatura de folhetos, visto que se têm notícias de alguns versos satíricos que circularam, no meio da população, durante a campanha pela adesão do Pará à independência do Brasil. Tinham como objetivo convencer as classes populares a aceitar ou a rejeitar a emancipação do território brasileiro. Neste caso, detecta-se a força da palavra, no contexto literário, com o objetivo de persuadir o leitor, conforme afirma Zumthor (1997), em relação ao discurso suasório dos jograis da Idade Média, na Europa.

Em relação à chegada dessa poesia ao Pará, pesquisadores, como Salles (1985), registram que tal fenômeno aconteceu com a vinda de colonos nordestinos que fugiam da seca e queriam trabalhar nos seringais. Muitos colonos vieram mais pelo desejo de aventura, de conhecer novas terras.

Segundo Luyten (1992), na segunda metade do século XIX, aconteceu uma grande expansão de populações nordestinas para todas as áreas da Amazônia, o que facilitou a divulgação da arte popular, nas terras do Norte. Esse mesmo fato é registrado por SALLES (1985), quando fala do cordel, na região amazônica.

Isso faz crer que o povo nordestino divulgou, no Pará, a poesia dos folhetos, os repentines cantados por trovadores, como também trouxe, para as letras paraenses a “poesia sertaneja” – corrente poética que floresceu, no século XIX, em pleno período romântico, já referida, anteriormente, neste trabalho.

Outro ponto que merece destaque, é que o povo nordestino migrou para a Amazônia, trouxe a forma do “folheto”, os romances, as canções, os desafios, mas, no ambiente nortista, essas formas literárias se adaptaram aos temas regionais. Tal fato também aconteceu com a “poesia sertaneja”, em que a forma veio do Nordeste, mas os temas se referem à Amazônia.

Os estudos comprovam que a literatura popular, nas mais variadas formas, penetrou em várias regiões da Amazônia paraense. Por isso mesmo, tem-se registrado tal existência em várias cidades do estado: Castanhal, Capanema, Santa Maria do Pará, Mãe do Rio e Santarém. Em todas essas cidades, se observa a influência do povo nordestino nos costumes, na linguagem e na arte poética, como também se nota certa sobrevivência dos hábitos medievais, na sociedade.

Na cidade de Paragominas, por exemplo, a poesia penetrou com a fundação do município e a consequente carência de braços para desempenharem funções nas frentes de trabalho. Então, mandaram buscar operários nas cidades nordestinas e, no meio desses colonos, vinham cantadores e poetas que divulgaram seus versos na cidade, como também, pouco a pouco, foram associando a forma à temática local.

Neste caso, aponta-se uma semelhança entre a chegada da poesia popular a Paragominas e a penetração do lirismo trovadoresco, em Portugal, quando D. Dinis mandou buscar colonos, no sul da França para trabalharem na lavoura e muitos operários eram trovadores que acabaram difundindo a arte poética de Provença, nas terras portuguesas.

Outro fato que lembra os costumes medievais, dentro da cidade de Paragominas, são as reuniões promovidas, geralmente promovidas pelas famílias de fazendeiros da região. Nesses encontros, há o costume de, no durante a festa, acontecer um sarau, momento em que um trovador canta e declama para o entretenimento das pessoas presentes. Falando desse acontecimento, a poetisa Conceição Oliveira, em entrevista aos pesquisadores, declarou: “os fazendeiros sempre contratam um cantador para o deleite de seus convidados”.

Tal fenômeno remete às considerações de Zumthor (1997), quando ressalta a participação do jogral nas festas, nos banquetes e nos casamentos, ocasião em que muitos nobres gastavam fortunas para garantir a presença dos menestres, em suas

festas, como também procuravam vesti-los de maneira esplendorosa, dentro dos costumes da sociedade.

Tomando por base a comparação entre a sociedade medieval da Europa e os costumes da cidade de Paragominas, pode-se dizer que se está diante de uma reatualização dos costumes, apenas adaptados às estruturas modernas. No entanto, a essência dos fatos é da Idade Média. Neste caso, mais uma vez se confirmam as teorias de ELIADE (1992) sobre o mito do eterno retorno.

5. Traços estilísticos nos versos de cordel

Os cantores, trovadores e cordelistas apresentam, de início, duas características essenciais: a fácil comunicação e a sobrevivência medieval. Em relação ao primeiro traço estilístico, pode-se dizer que se justifica pelo caráter popular do gênero, abordando temas que chamam a atenção e tocam a sensibilidade do povo. Geralmente, os poetas preferem usar a forma estrófica de quatro versos e o metro de 5 a 7 sílabas. Isso facilita a declamação e a divulgação dos trechos, como se observa na estrofe abaixo:

Às vezes temos tudo
E não sabemos valorizar
Se perder o que se tem
Fácil não se achará (Simone Mota)

Os versos acima, quando declamados, lembram as apresentações dos cantadores nordestinos que, muitas vezes, acompanham as suas declamações com música, tendo, geralmente, o violão como instrumento. No texto, detecta-se a temática da valorização das coisas simples, que já foi explorada por outros escritores, mas há a intenção de ratificar o pensamento, por parte do eu lírico.

Entre as sobrevivências medievais, observa-se o lirismo semelhante ao dos trovadores europeus, como aparece nos versos de Conceição Oliveira:

Oh,avas,avas contigo
Essa tristeza, essa dor
Que dói dentro em meu peito
Ferindo-me com furor.

Nota-se, na expressão do eu lírico, um lamento, um vazio, um sofrimento que lembra a **coita** retratada nas cantigas de amor e de amigo do período medieval. Isso é um traço estilístico que vai ao encontro do gosto popular. Em relação ao metro do quarteto,

detecta-se o predomínio das redondilhas, o que remete à medida velha dos poetas europeus, como Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão.

Outra característica que se destaca, nas produções dos poetas de cordel, é a rima forçada, muitas vezes violando as normas gramaticais. Tal fenômeno é frequente nesses cantares, o que indica uma preocupação do escritor, na elaboração da rima:

Não queres voltar
Do sonho que te conduz
Meus olhos reluz*
No longo esperar (Conceição Oliveira)

Pode-se, então, observar o desejo forçado de elaboração da rima, pois a escritora **forjou** uma identidade de sons entre as duas formas verbais **conduz/reluz**, mesmo contrariando as regras da concordância verbal.

Além dos textos líricos apresentados, aparecem também poemas narrativos, momento em que há uma nítida intenção de contar um “causo”.

Preste atenção minha gente
Para o que eu vou relatar
O caso de um rapaz
Que pude presenciar. (Simone Mota)

Os versos lembram a proposição de uma narrativa épica, em que a apresentação requer a atenção do leitor/ouvinte, pois ele será convidado a mergulhar no assunto apresentado pelo narrador. Neste caso, o apresentador afirma ser verdadeiro o acontecimento que vai ser contado. Nota-se, então, a relevância da teoria de Zumthor (1997), quando destaca a importância da voz em uma narrativa popular, pois pressiona a credibilidade do ouvinte.

Outra sobrevivência da poesia medieval que chega ao Nordeste brasileiro, é a crítica pessoal ou política, como se pode observar, nos versos abaixo:

Tinha nariz empinado
Era muito enigmático
Cada dia que passava
Conseguia ser antipático (Simone Mota)

Os versos lembram as cantigas de escárnio, espécie satírica cultivada pelos trovadores medievais. Detecta-se um exagero na descrição das características físicas e psicológicas de uma personagem, de forma negativa, conseguindo transformá-la em uma

caricatura. Esse tipo de poesia, que critica pessoas e fatos, é muito comum nos cantares do Nordeste. É, portanto, mais uma característica da arte popular nordestina que se adapta ao gosto e aos temas cultivados pelos trovadores paraenses.

Também, em alguns momentos, os poetas populares se preocupam com o engajamento e abordam as diferenças sociais:

Estava um doutor passeando
Com seu carro importado
E ao dobrar uma esquina
Viu um mineiro sentado
Tristonho olhando pro chão
Tinha uma cuia na mão
Com ar de adoentado (Conceição Oliveira)

O eu lírico, nos versos acima, enfatiza as posições contrárias em que aparecem as duas personagens. Tal característica faz lembrar o caráter social dos versos de cordel que surgiram no período de 1963-3, na literatura brasileira, quando predominou a vanguarda do Violão de Rua, e teve como grande incentivador, o poeta Ferreira Gullar.

Por tudo isso que foi dito, mais uma vez se confirma a teoria de que a poesia popular, vinda da Europa, penetrou no Nordeste brasileiro e deixou expressivas marcas, nos cordeis da Amazônia.

6. Representantes da poesia popular, em Paragominas

6.1. Conceição Maria Oliveira

Nasceu em Mangabeira, Piauí. Com dois meses de idade, foi morar no Maranhão e, posteriormente, a família se transferiu para o Pará. Neste momento, a escritora estava com nove anos de idade. Mora há trinta e dois anos em Paragominas. Fez o curso de Ensino Fundamental, através do Telecurso.

Iniciou a sua carreira de poetisa em casa, incentivada pelo irmão que é poeta, mas também sofreu a influência dos cantadores de salão, com os quais teve contato em reuniões ou nas frentes de trabalho, quando faziam “cantiga de salão”. Aponta os cantadores Cunha Neto e João Moraes como os seus grandes modelos, principalmente nesse tipo de cantiga.

Conceição Oliveira já venceu vários concursos literários e também publicou em várias antologias poéticas. As suas produções literárias podem ser classificadas em canções, cantigas de lamento, romances e cordéis.

Muitas vezes, nos versos líricos da escritora, torna-se nítido o desejo de afastar o sofrimento, a angústia e de encontrar a paz:

Oh! Levas para longe
Essa angústia que em mim jaz
Leva esse desassossego
Traz de volta a minha paz.

No entanto, em outras ocasiões, o eu lírico se volta para os temas sociais, denunciando os problemas das classes menos favorecidas, como acontece no cordel “Prostituição”:

Na vida de hoje em dia
Tem muito o que se ver
Cae na prostituição
Causando decepção
Fazendo os pais sofrer.

A estrofe acima carrega os traços característicos da poesia de cordel. O tema social é explorado de forma simples, quase ingênua, ferindo as normas gramaticais, como também revela o desejo de construir a rima, no afã de comunicar a mensagem ao leitor/ouvinte.

A temática social volta a se repetir, quando Conceição Oliveira demonstra preocupação com os dramas dos desassistidos, dos miseráveis da sociedade:

Você de lá vem ver de cá
Como está a depressão
Do pobre descamisado
Que passa humilhação
Arriscando a própria vida
Lutando em busca do pão.

Acredito que este cordel de crítica social se aproxima do estilo das cantigas populares compostas por Ferreira Gullar e por outros seguidores da vanguarda do Violão de Rua, na literatura brasileira.

Observa-se, então, que a escritora cultivou cordéis impregnados de lirismo de diferentes matizes, do individual ao social, que se manifestam em forma de canções, de cantigas ou de romance.

6.2. Simone Mota

Simone Suely Gonçalves da Mota nasceu em Castanhal/Pará e, geralmente, quando escreve, usa o pseudônimo de Fada Rosa. Veio morar em Paragominas há cerca de dois anos. Tem o curso médio completo.

Segundo declarações da escritora, suas produções sofrem grande influência de Patativa do Assaré. Em seus poemas, depreende-se forte tendência para cultivar a trova e se expressar por meio do verso curto:

A vida é uma escola
Sem teto, nem cadeira, nem caderno
Mas lá não é nem um céu
Às vezes parece o inferno.

Nos versos acima, observa-se um conceito de vida de caráter universal. Pode ser algo já repetido, muitas vezes, mas as trovas da escritora rejuvenescem a imagem, como se fosse a renovação de uma metáfora velha.

Outras vezes, a poetisa imprime nos seus cordéis, um toque de humor, como acontece em T.P.M. :

Tem certos dias do mês
Que a mulher muda de jeito
Nervosa, grita, briga
Só vê nos outros o defeito.

Em outros poemas, o eu lírico se identifica com elementos da natureza, o que intensifica a carga de sentimento cândido dos seus versos:

A liberdade da borboleta
Colorida a voar
Queria poder eu
Essa sensação experimentar.

Em outro momento da produção poética de Simone Mota, depreende-se, talvez de forma inconsciente, a presença do “*capitatio benevolentiae*” (pedir benevolência),

muito comum nos prólogos das peças das comédias latinas, quando uma personagem pedia clemência para o público, no ato de julgar a representação:

Se gostou e acreditas
Pode nos aplaudir
E não precisas ficar triste
Pois até o corno sorrir*
Sonhando que ela volte
E com ele possa dormir.

Neste poema, o narrador do “causo” da história de um corno, pede o aplauso ou a benevolência do leitor/ouvinte, caso tenha gostado de seus versos.

Acredita-se, então que a produção poética de Simone Mota é mostrada de forma simples, natural, cheia de leveza, o que torna a sua leitura muito agradável.

6.3 Edite Irismar Silva Nogueira

A cordelista e repentista Edite Nogueira nasceu no Ceará, em 1941. Veio para o Pará fugindo da seca e da pobreza, como muitos dos seus conterrâneos.

Nasci no interior
Do Limoeiro do Norte
No Estado do Ceará
Não sei se foi sina ou sorte
Com dezoito anos de idade
Deixei a minha cidade
Para viver aqui no Norte.

Nos versos do poema “Minha Trajetória”, composto em 2001, para o concurso literário promovido pela Prefeitura de Paragominas, a escritora faz um relato dramático de sua história, característica que vem à tona, em várias composições, como acontece quando fala da sua intenção de cultivar a poesia popular:

Eu já tinha em minha mente
A ideia de aprender algo
Que me deixasse contente
Botei meu plano em ação
Aprendi a tocar violão
E improvisar repente.

A escritora vem de uma família de repentistas da cidade de Limoeiro do Norte. Diz que aprendeu a tocar violão de ouvido, acompanhando o pai, e aprimorou, com o tempo “o dom que recebeu de Deus”:

Tocar é um dom de Deus
Para mim importante
O que se faz com prazer
Se torna gratificante
Se dedique com amor
E seja perseverante

A poetisa chegou a Paragominas, em 1969, depois de residir por dez anos em Ourém. Veio para trabalhar como professora. Casou, criou raízes, teve filhos e netos, como também desenvolveu a sua arte. Hoje se julga paraense, pois “foi neste Estado que vi minha família florescer:

Eu amo Paragominas
E amo de coração
Lugar que criei meus filhos
E lhes dei educação
Com luta e dignidade
E venci a tempestade.

Edite Nogueira apresenta uma obra poética que segue a tradição do gênero, principalmente no que se refere aos traços característicos dos trovadores nordestinos, berço da sua inspiração. Também é repentista e sempre participa de pelejas ou desafios promovidos, na cidade.

6.4. José Maria Oliveira

É considerado uma das maiores expressões do cordel, em Paragominas, muito respeitado por seus companheiros de ofício. Não foi possível obter mais dados a seu respeito, pois, quando a equipe de pesquisadores visitou a cidade, o poeta estava viajando. Tivemos apenas acesso a duas publicações: um livreto de cordel intitulado “Vida e morte de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião” (1989) e “Lembrança da Palmeira da Praça” (2009).

Da primeira produção, extraímos os seguintes versos:

Faleceu o rei do baião
Nosso nordeste chorou
O Brasil ficou de luto

Até o vento parou
Deus lhe colocou na terra
E de volta lhe convidou.

Nos versos do escritor, detecta-se uma tradição formal do cordel, pois predominam as redondilhas maiores, com as rimas alternadas, na 2º, no 4º. e nos 6º versos. O tema está relacionado a um fato de repercussão social, que toca nos sentimentos da comunidade.

José Maria Oliveira também fez poemas em defesa do meio ambiente, quando protestou contra a derrubada de uma palmeira, na Praça Célio Miranda, em Paragominas:

A Praça Célio Miranda
Perdeu a sua palmeira
Há muitos anos plantada
Uma velha companheira
Parte do meio ambiente
Bem conhecida da gente
Uma planta pioneira
[...]
Foi um patrimônio
De um pedaço paraense
Na terra dos nossos sonhos
O chão paragominense.
Ela foi e não volta mais
Mas constará nos anais
A palmeira nos pertence.

Nos versos, o poeta defende com amor a natureza, o solo, a palmeira. O poema soa ao leitor/ouvinte, como um protesto, confirmando, mais uma vez, a teoria de ZUMTHOR (1997) acerca da importância da voz.

6.5. João Batista Neto e Valdeci Alves Honorato

João Batista Neto é natural do Piauí e Valdeci Alves Honorato, de Pernambuco. São cantadores repentistas que fazem a alegria de muitas pessoas, nos salões, quando há reuniões, e também nas Feiras Agropecuárias do município. Ambos residem em Paragominas, há muitos anos. Aprenderam a fazer versos de improviso com membros das próprias famílias, no Nordeste.

Segundo declaração dos poetas, no repente ou improviso, o verso é feito no momento da apresentação do cantador. Ele pode ser desafiado pelo companheiro ou

atender a um pedido das pessoas presentes, nos salões ou nas feiras, que sugerem um tema.

João Batista Neto falou que ele é “a natureza por completo. O repentista tem que viajar para ver a natureza na frente e se admirar” e ainda acrescentou “o cantador poeta escreve para cantar, o poeta repentista canta de improviso. O repentista é a natureza; a água do sertão é o cantador”.

Os dois repentistas foram entrevistados pela equipe de pesquisadores. Vieram acompanhados das violas e fizeram uma apresentação, momento em que explicaram as características do ritmo de cada espécie: sextilhas, martelo agalopado, galope à beira mar, mourão, décimas, gemedelas e queixo caído, que traduzem, no improviso, a criatividade e a imaginação dos poetas.

Nas pelejas, um trovador desafia o outro e a luta só termina quando um desiste.

Como a produção poética dos dois trovadores é oral, não foi possível fazer registro dos seus versos.

6.6. A Associação de Escritores de Paragominas

Todos os cordelistas e cantadores citados nesta pesquisa, fazem parte da Associação de Escritores de Paragominas. Essa agremiação foi fundada em 10 de abril de 2003. Possui 33 membros ativos. Por meio dela, a Secretaria de Cultura e a Biblioteca Pública do Município promovem, anualmente, um concurso literário que premia autores nas categorias: poesia, conto, crônica e cordel. Os textos selecionados são publicados na coletânea “Gotas Literárias”, que está na sétima edição.

Um traço que chama a atenção, é o grande número de cordelistas associados, em torno de doze. Isso é uma singularidade, pois, em outros Estados, geralmente os escritores de cordel são organizados em entidades próprias do gênero. Esse fato também remete a que se observe o interesse de promover a produção literária local.

Considerações finais

No início deste artigo, procurou-se mostrar a origem da literatura de cordel, mais precisamente das “folhas volantes” que circularam, em Portugal, como também a sua posição, dentro da literatura popular. Também se destacou a penetração dessas espécies literárias, no Brasil e na Amazônia.

No desenvolvimento do estudo, enfatizou-se a presença dos “ecos nordestinos”, nos versos populares cultivados por cantadores e trovadores, na Amazônia paraense, mais precisamente, no município de Paragominas. Fez-se, ainda, uma breve história sobre a origem do município que serviu de campo para a pesquisa; elencaram-se as causas da penetração da poesia popular, na cidade e ainda foram apresentados alguns poetas, apontando alguns traços estilísticos de suas obras.

Todo esse estudo fez com que a equipe de pesquisadores chegasse às seguintes conclusões:

1. Existe predominância do gênero lírico, nas produções poéticas dos trovadores, principalmente nas espécies que eles denominam de canções, de romances, como também nas trovas, em forma de quadras.
2. Nas espécies líricas, sentem-se resquícios estilísticos das cantigas de amor e de amigo, espécies cultivadas pelos trovadores portugueses do período medieval. Esses traços característicos tornam-se visíveis, na escolha do tema: a despedida, a ausência do ser amado, como também nas formas do metro – as redondilhas – versos de 5 e 7 sílabas. Esse tipo de verso curto também remete às trovas produzidas pelos trovadores do Nordeste.
3. Apesar das espécies líricas predominarem, na poesia popular, aparecem algumas produções satíricas que rebaixam pessoas ou acontecimentos. No caso das pessoas criticadas, muitas vezes, o exagero leva à criação de uma caricatura do indivíduo ridicularizado. Tal fato é um tema presente nos cantares nordestinos, que se reflete na poesia popular da Amazônia.
4. No que se refere aos aspectos formais, destacam-se: a predominância dos versos curtos e das estrofes de quatro versos – as quadras. As rimas geralmente são pobres e, muitas vezes, forçadas. Essas características revelam o caráter popular do gênero, o que facilita a sua comunicação com o público leitor ou ouvinte.
5. No estudo da literatura de cordel da Amazônia paraense, observou-se, ainda, uma preocupação, por parte dos escritores, para o cultivo dos temas sociais, em defesa dos injustiçados, como também lançam mensagens para a preservação da natureza.

Conclui-se, então, que a herança nordestina sobrevive, nas produções poéticas do Pará, tanto na escolha dos temas, como na forma de expressão. Acredita-se, também, que esses traços estilísticos que marcam a poesia popular de Paragominas, podem se manifestar em outras cidades da Amazônia paraense.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

BAKHTIN, Mikael. **A cultura popular na idade média e no renascimento – o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo/Brasília: Edunb/CRUCITE, 1993.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureiro de Lima e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHO, José. **O matuto cearense e o caboclo do Pará**. Fortaleza: UHCE, 1973.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: José Olympio, 1947.

JÚNIOR, Luiz Tavares. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Ciclos temáticos na literatura de cordel - tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1973.

LEAL, Gláucia Lygia Rabello. **Paragominas – a realidade do pioneirismo**. Paragominas: Gráfica Editora Alves. 29 a. Ed., 2000.

LESSA, Orígenes. **Literatura popular em versos**. Anhembi, São Paulo, ano 6, n. 61, p. 60-87, dez. 1955.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SALLES, Vicente. José Veríssimo e o Folclore In **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro, ano 11, n. 29, 1971.

_____. **Repente & cordel**. Rio de Janeiro: FUNART/Instituto Nacional de Folclore, 1985

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Performance, recepção e leitura.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerichi. São Paulo: EDUC, 2000.

Sobre os autores

José Guilherme de Oliveira Castro

Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA. E-mail: zevone@superig.com.br ORCID: 0000-0003-4062-614X

Elaine Ferreira de Oliveira

Professora da Universidade da Amazônia (UNAMA) e Mestre em Literatura pela UFPA. E-mail: elaeomar2017@gmail.com ORCID: 0000-0002-8557-3291

Hiran de Moura Possas

Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA. Professor e coordenador do Programa de Pós Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: hiranpp@hotmail.com

Recebido em: 05/11/2018

Aceito para publicação em: 20/12/2018